

PROPOSTA DE REDAÇÃO

PROFESSOR: ABDON GUERRA

Com base na leitura dos textos abaixo e nos conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da Língua Portuguesa, posicionando-se sobre a seguinte afirmação: **“Não basta dizer ao jovem que a droga mata, é preciso ensinar a ele o valor da vida”**. Apresente proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para a defesa do seu ponto de vista.

TEXTO 01

Drogas: Uma Questão de Liberdade

Lídia Rosenberg Aratangy

No começo dos anos 60, um filme de vampiros eletrizou as platéias do mundo inteiro. Era uma história de terror conhecidíssima; sobre ela já tinham sido produzidos livros, revistas, filmes, nas mais diferentes e bizarras versões. Mas nenhuma outra obra tinha provocado tamanha sensação como esse vampiro da Noite, produzido pela Hammer, com Christopher Lee no papel do Conde Drácula.

O que havia nela de diferente? A história era a mesma de sempre, com o Conde que, à meia-noite, se transforma em vampiro e suga o sangue de suas vítimas, o que faz com que essas, por sua vez, virem vampiros depois da morte. E então a mocinha e o mocinho chegam ao castelo para desvendar as inúmeras mortes misteriosas que vinham acontecendo por ali. E é claro que o Drácula vai tentar acabar com os dois, como já tinha feito com tantos. Mas desta vez o mocinho é mais esperto do que os outros e a mocinha é muito mais bonita. E agente já sabe que tudo vai terminar bem, como de fato termina. Então, qual a novidade? Por que esse filme causou tamanho impacto?

A novidade não estava bem na tela; estava mais na platéia, no que acontecia dentro dos espectadores, no que sentíamos ao assistir ao filme. Essa coisa nova, que provocava emoções diferentes, estava também na tela; mas aí a diferença era mais sutil, até parecia desproporcional ao que provocava dentro de nós. Pois aquele Conde Drácula, ao contrário de todos os outros que o tinham precedido, era um homem encantador. Quase bonito.

Isso se descartamos as terríveis presas de vampiro, naturalmente. Mas as presas só apareciam quando o Conde arreganhava os lábios para morder sua vítima. Até esse momento, nada fazia supor o perigo que ele representava.

E todos ficávamos mais assustados, porque tínhamos sentido a força de sedução do personagem. Porque ninguém podia acreditar que aquele homem tão atraente, tão apaixonante, com aquela máscara sombria azul que indicava barba forte e cerrada (o sinal máximo de encanto viril, na época), enfim, que aquele príncipe misterioso, pelo qual todos suspirávamos, tivesse aqueles caninos afiados.

Podemos achar graça dos filmes que mostram monstros horríveis, de olhos esbugalhados e pele nojenta, com remela escorrendo do nariz, porque sabemos que, se nos depararmos com um deles, vamos fugir imediatamente, com todas as forças de nossas pernas. Mas quem sabe o que pode acontecer quando o perigo está num homem atraente e misterioso, ou numa loira de ar inocente e desprotegido? Quem garante que não vamos querer nos aproximar, nem que seja só para ver melhor? O Conde Drácula, de Christopher Lee, fazia com que puséssemos em dúvida se valia mesmo à pena resistir ao mal. Todos nós estávamos, de certa forma, apaixonados por ele. E apesar de sabermos muito bem o perigo que ele representava, não estávamos seguros de que iríamos mesmo sair correndo se o encontrássemos num lugar ermo na noite escura (2).

TEXTO 02

Paradeiro

Composição: Arnaldo Antunes, Marisa Monte

Haverá paradeiro
Para o nosso desejo
Dentro ou fora de um vício?
Uns preferem dinheiro
Outros querem um passeio
Perto do precipício.
Haverá paraíso
sem perder o juízo e sem morrer?
Haverá pára-raio
Para o nosso desmaio
No momento preciso?
Uns vão de pára-quedas
Outros juntam moedas
antes do prejuízo
Num momento propício
Haverá paradeiro para isso?
Haverá paradeiro
Para o nosso desejo
Dentro ou fora de nós?

TEXTO 03

É Possível Prevenir Sem Reprimir?

O caminho para a prevenção do uso de drogas não passa necessariamente pela repressão. Muito mais importante e eficaz do que alardear proibições (difícilmente obedecidas) é oferecer canais para que o jovem possa dar vazão à sua necessidade de viver experiências significativas e de partilhá-las com seu grupo.

Assim, devem ser favorecidas as atividades que mobilizam emoções e dão ao adolescente a oportunidade de viver a sensação de pertencer a uma tribo, de estar identificado com um grupo. Atividades artísticas grupais (como um grupo de teatro ou um conjunto de canto coral) oferecem um canal adequado para extravasar emoções, além de criar um clima de companheirismo e espírito de equipe.

[...]

A prática de esportes, principalmente coletivos, leva o adolescente a descobrir a validade de regras que devem ser obedecidas por todos, sem a necessidade constante de argumentação e confronto que as outras atividades escolares propiciam (e que também são importantes justamente por oferecer um campo para a discussão e o confronto de idéias).

Entretanto, a prática de modalidades artísticas ou esportivas não é o único caminho para canalizar emoções. Alguns filmes e livros podem mobilizar sentimentos intensos e permitir que, através da identificação com personagens imaginários, sejam vividas outras vidas, em outros tempos e lugares. Este talvez seja o caminho possível para que o ser humano possa viver mais de uma vida, antes da morte. Desenvolver a fantasia é uma das mais preciosas armas humanas. Viver uma fantasia no imaginário permite que não se tenha de buscar espaço no real para todos os desejos e ansiedades.

[...]

Assim, um projeto de prevenção ao uso de drogas, além de garantir que os alunos recebam informações corretas e não preconceituosas, deve contemplar a vertente emocional da questão. Nesse sentido, deve acolher a inquietação própria dos adolescentes, sem abrir mão de estabelecer limites claros e não arbitrários. Para tanto, é essencial a abertura de diferentes canais de participação dos alunos em múltiplas atividades artísticas e esportivas, desenvolvidas ou propiciadas pela escola.

Outra dimensão importante da rebeldia adolescente tem a ver com a ampliação dos horizontes infantis, o que inaugura a preocupação com causas mais amplas de justiça social e de crítica ao sistema. Nesse campo, é possível abrir valiosas oportunidades para o jovem exercitar sua necessidade de se confrontar com as autoridades e suas regras. Há bandeiras sociais importantes e justas, e a escola pode ajudar seus alunos a participar da busca de soluções para os problemas reais da comunidade. Trabalhos em Postos de Saúde ou Parques Infantis, contatos com organizações não-governamentais que desenvolvem programas sociais amplos são exemplos de situações que propiciam o amadurecimento social e permitem o exercício da cidadania. Se não tiverem o caráter nem de assistencialismo nem de paternalismo,

podem levar o jovem a encontrar um lugar adequado e produtivo para sua rebeldia e espírito crítico. Os pais poderiam ser parceiros privilegiados num programa de prevenção. Mas, infelizmente, eles em geral estão mal preparados para enfrentar os desafios do mundo de hoje e sentem-se inseguros para abordar com seus filhos as questões mais polêmicas, como as referentes ao universo das drogas e da sexualidade. Independentemente do nível sócioeconômico, os pais mais preocupados e atuantes estão, na melhor das hipóteses, preparados para serem os pais e mães ideais dos adolescentes que eles foram, mas mal conseguem divisar os adolescentes que seus filhos são. Este é o drama central da educação (em casa ou na escola): temos de nos basear na experiência de ontem, para educar hoje aqueles que vão enfrentar o mundo amanhã.